



A instantaneidade fotográfica na cobertura de fatos jornalísticos: caso dos mineiros soterrados no Chile¹

Kassieli de Mello²

Deisi Fabrim³

Andressa Streicher⁴

Pâmela Moraes⁵

Felipe Rigon Dorneles⁶

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS.

Resumo

A utilização da instantaneidade como recurso adequado para a cobertura jornalística é frequente na sociedade atual. O acidente e resgate de mineiros soterrados em uma mina no Chile foi um fato que exemplificou esta prática. O realismo na fotografia possibilitou a análise prática e teórica da captação fotográfica como uma forma de compreensão à cultura da imagem arraigada na atual sociedade. Espectadores creditam às imagens jornalísticas veracidade tornando-a uma fonte de informação segura.

Palavras-chave: Fotografia; instantaneidade; realismo; técnica; veracidade.

Introdução

A composição técnica para o registro fotográfico é essencial, no entanto, mesmo sem um planejamento prévio, a instantaneidade se mantém como uma forma adequada de obter uma imagem. Seu uso se faz necessário em coberturas jornalísticas, pois além da técnica, exigem agilidade e preparo do fotógrafo.

Este artigo pretende analisar a instantaneidade fotográfica na cobertura jornalística do acidente com 33 operários que trabalhavam em uma mina de cobre e ouro no Deserto do Atacama, norte do Chile. Desde o dia 5 de agosto de 2010, quando ocorreu o acidente, até o dia 13 de outubro ao ser finalizado o resgate, jornalistas e fotógrafos do mundo todo registraram o fato diariamente por meio do ato fotográfico.

¹ Trabalho apresentado na área temática Comunicação Audiovisual, do Intercom Junior – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 6º semestre do curso de Jornalismo da Unijuí, e-mail: kassimello@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 6º semestre do curso de Jornalismo da Unijuí, e-mail: deisi-fabrim@bol.com.br

⁴ Estudante de Graduação 6º semestre do curso de Jornalismo da Unijuí, e-mail: dessynhastreicher@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 4º semestre do curso de Jornalismo da Unijuí, e-mail: m_paamela@hotmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social da Unijuí, e-mail: felipe.dorneles@unijui.edu.br



Primeiramente, pretende-se refletir a realidade fotográfica, percorrendo por suas primeiras teorias que deram espaço às novas reflexões sobre a prática fotográfica. Será abordado o realismo na fotografia que desencadeou o uso das imagens na cobertura jornalística como um importante fator na garantia de veracidade.

Verificar-se-á o uso da fotografia instantânea como influência no resultado do trabalho jornalístico, analisando se a captura fotográfica durante um fato afeta a credibilidade de uma cobertura e até mesmo da arte fotográfica perante a sociedade.

Será foco de estudo o uso da instantaneidade na realização do registro fotográfico, como opção adequada à situação encontrada por jornalistas e fotógrafos que acompanharam localmente o acontecimento em evidência. Serão analisados os recursos usados para registrar tal momento, percebendo as dificuldades enfrentadas por veículos jornalísticos, que buscavam noticiar o fato para milhares de espectadores.

Para tal estudo, serão realizadas pesquisas sobre materiais de teóricos que servirão de base para as constatações apresentadas. A prática será aliada a análise das teorias que deram surgimento aos estudos da fotografia. Os conhecimentos obtidos em livros e sites sobre realismo e instantaneidade, complementam a pesquisa dando base para novas informações.

A fotografia como reflexo do real

Desde a concepção de suas primeiras teorias, a arte fotográfica é percebida como reflexo da realidade. O homem tem a necessidade de estar constantemente informado sobre a veracidade dos fatos, e por isso aquilo que lhe conseguir provar ser real, inspira confiança e se torna merecedor de sua credibilidade. A fotografia com seu processo mecânico alcançou a fidelidade, daqueles que acreditam por meio da imagem fotográfica obter a descrição real dos fatos.

Como resultante de seu dispositivo, a imagem fotográfica é uma impressão química, [...] é o efeito químico de uma casualidade física (eletromagnética), ou seja, um fluxo de fótons provenientes de um objeto (por emissão ou por reflexo) que atinge a superfície sensível. (SCHAEFFER, 1996, p.16).

Segundo o discurso da mimese, por meio da fotografia o homem acredita ter conhecimento da verdade, pois atribui à imagem captada a característica de reflexo da realidade. Desde o século XIX, quando surgiram os primeiros discursos sobre a prática fotográfica, a mesma é considerada a imitação mais perfeita do real, devido a sua



natureza tecnológica, que supostamente pressupõe a não interferência do homem. Por diferenciar-se da pintura, que até então era a arte responsável por reproduzir a realidade, a fotografia passou a ter a fidelidade dos indivíduos, que viram objetividade neste produto considerando-a uma imagem neutra.

Essa gênese automática provocou uma reviravolta radical na psicologia da imagem. A objetividade da fotografia confere-lhe um poder de credibilidade ausente de qualquer obra pictural. Quaisquer que sejam as objeções de nosso espírito crítico, somos obrigados a acreditar na existência do objeto representado, ou seja, tornado presente no tempo e no espaço. A fotografia beneficia-se de uma transferência de realidade da coisa para sua reprodução. (DULVIS, 1999).

Incluso no processo da arte fotográfica, está o fotógrafo, a imagem captada carrega em si a concepção daquele que maneja a câmara, seu artista. Em uma cobertura jornalística, as imagens, que noticiam o fato, chegarão ao espectador com as informações captadas por meio do olhar do fotógrafo. O aparato tecnológico se encarregará de reproduzir a realidade captada, primeiramente, pela percepção humana.

No caso das imagens tecnológicas (da fotografia em diante), os conceitos representativos já estão introjetados no interior das máquinas semióticas de produção de imagens, o que não exclui a necessidade de conhecimento desses conceitos pelo autor que maneja a máquina. (SANTAELLA, 2010, p. 356).

Atualmente as imagens tecnológicas, como se refere Santaella, não são necessariamente resultado de uma composição estética desenvolvida através de um planejamento. A realidade captada pela fotografia tornou-se acessível a todos os “fotógrafos”, o que refletiu em uma modificação da cobertura jornalística. Hoje, o fato real é captado por diferentes ângulos e lentes que tornam possível a real semelhança com a realidade através da variedade. “Qualquer instante do cotidiano por mais insignificante que possa parecer tornou-se fotografável, instaurando o império do aqui e agora”. (Santaella, 2010, p. 394).

A fotografia projeta o objeto, parte de uma realidade que o espectador não conheceu, dando-lhe uma prova visual na qual o mesmo credita credibilidade, na ânsia de estar informado e suprir sua curiosidade.

A imagem revelada é uma emanção do objeto, seu traço, fragmento, vestígio, sua marca e prova. Entretanto, por mais que seja inegável que a coisa esteve lá, aquele pedaço de realidade, fixado para sempre

em uma projeção bidimensional, não é o objeto (BARTHES, 1980, p. 109).

O aspecto de realidade já é inerente à fotografia, que é vista pela sociedade como uma prova dos fatos. Devido sua legitimação a imagem fotográfica possui importante papel no fazer jornalístico, sua credibilidade perante os leitores, e capacidade de transmissão de informação são características que a tornam um registro equivalente à veracidade. Segundo Dubois (1994) “a fotografia consiste em um ato de tomada, um disparo que, uma vez acionado fixa para sempre certo recorte, um enquadramento da realidade”.

Os momentos únicos e a fotografia instantânea

Durante uma cobertura jornalística, ocorrem vários fatos que poderão ser lembrados através de um único registro fotográfico. Para isso, o fotógrafo utiliza um método conhecido como fotografia instantânea, onde a captação é feita sem preparação prévia e o objetivo principal é assegurar que o fato seja registrado, independentemente de sua qualidade técnica. O renomado fotógrafo, Bresson falava do “instante decisivo” este “é o reconhecimento simultâneo, em uma fração de segundo, da significação de um evento, assim como uma precisa organização das formas que dão a tal evento sua devida expressão” (BRESSION, 1952).

O autor usava o termo ao referir-se à importância do momento da captura fotográfica, no qual é congelado um instante de valor transcendental. A eleição e consecução desse instante não é fruto da casualidade, mas implica uma atitude, predisposição e preparação especiais do fotógrafo.

Ou seja, essa instantaneidade não se refere especificamente à falta de preparação do fotógrafo, pois o registro fotográfico nem sempre exige um planejamento, porém requer a predisposição do fotógrafo no momento do ato. Uma cobertura jornalística, por exemplo, pressupõe muito mais do que um ótimo aparato tecnológico e conhecimento da técnica fotográfica, exige essencialmente agilidade e sensibilidade do fotógrafo, que no ímpeto de um registro estará disposto a abandonar o uso da técnica para apropriar-se da prática instantânea, que garantirá a captação do fato.

O que se ganha em democratização perde-se em especialização. Escolhas de enquadramento, de ponto de vista, de proximidade e distância, de ângulo, que se constituem no âmago do ato fotográfico,



são substituídas por movimentos mecânicos, rápidos e irrefletidos. (SANTAELLA, 2011).

O fotógrafo está sempre ponderando tudo o que está ao seu redor, na expectativa de que algo ocorra para que ele possa registrar. Quando menos se espera, alguém penetra no seu campo de visão e em uma ação reflexa compõe uma foto. Para Bresson (1995) a composição deve ser uma das preocupações constantes, mas no momento de fotografar ela só pode sair da intuição do fotógrafo, pois o que queremos é capturar o momento fugidio, e todas as inter-relações em jogo encontram-se em movimento. Ao aplicar a Regra de Ouro, o único compasso à disposição do fotógrafo são seus olhos.

Para que se compreenda a eficácia da instantaneidade em coberturas jornalísticas será realizada uma análise afim de, avaliar quais os resultados desta prática durante o acompanhamento do acidente até o resgate dos mineiros soterrados, em uma mina no Chile. Primeiro apresentar-se-á o fato e depois a comparação entre a teoria e a prática.

O fato: os olhos do mundo cobriram o acidente no Chile

O dia 5 de agosto de 2010 ficou marcado na história do mundo, era o início de um comovente resgate. Neste dia um grave acidente envolveu 33 homens que trabalhavam na mina San José, no deserto do Atacama, norte do Chile tornando-se o centro de atenção da mídia no mundo todo. Os trabalhadores ficaram soterrados na mina a 700 metros de profundidade, devido a um desmoronamento de terra.

A mina

A mina San José é considerada pequena, menor que a maioria das minas da região, um local de exploração de cobre e ouro que já possuía um histórico de acidentes: em 2007, um mineiro morreu soterrado e há dois meses do incidente um outro havia perdido uma das pernas.

A mina desce a quase 800 metros de profundidade, por uma rampa em espiral irregular com 9 km de comprimento. Foram dois desmoronamentos, o principal ocorreu a 200 metros acima de onde estavam os operários. O desabamento pode ter sido causado pela queda de uma grande rocha ou pela compactação de várias camadas de terra. Ainda a má conservação da mina, de mais de 100 anos, pode ter contribuído.

Comunicação com os mineiros

Após 17 dias de sondagens as equipes de resgate conseguiram contato com o grupo. No dia 22 de agosto uma sonda perfurou a terra até o nível onde estavam os



mineiros. Ao ser puxado de volta o aparelho trouxe um bilhete com os dizeres: Estamos bem no refúgio, os 33.

Uma câmera que desceu pelo mesmo orifício captou as primeiras imagens dos mineiros no meio da escuridão. Imagens congeladas foram usadas pelos meios de comunicação para retratar a situação dos operários. Diversas fotos narraram dia após dia o acidente até o último ser resgatado. Nas fotografias prevaleceu o instinto, a instantaneidade, a emoção do momento, deixando - principalmente na cobertura do resgate - a composição estética de lado.

Resgate em 69 dias

Nunca se resgataram mineiros em tal profundidade, sendo que eles enfrentaram todo esse tempo temperatura alta, ar empoeirado e uma escuridão quase total. Para o resgate, foi desenvolvido um projeto de perfuração de um canal, que chegasse até a galeria onde estavam refugiados os trabalhadores. A princípio foi perfurado um canal de alguns centímetros de diâmetro, para passagem de água e mantimento, o qual posteriormente foi alargado para poder abrigar a cápsula Fenix II com cerca de 5 metros de altura e 60 centímetros de diâmetro, a cápsula possuía capacidade para abrigar somente um trabalhador com segurança, equipada com aparelhos de emergência como cordas, ganchos, lanternas, rádios e demais equipamentos para eventuais acidentes. No dia 12 de outubro às 23h55min, teve início o processo de retirada dos trabalhadores através da cápsula.

Acompanhando a operação, os fotógrafos podiam realizar o seu trabalho com certo planejamento, no entanto, quando os mineiros eram resgatados, a ação dos fotógrafos deveria ser instantânea. O mundo todo se comovia com as imagens do local, que demonstravam com clareza a luta pela sobrevivência embaixo da terra, o desespero das famílias e o trabalho de composição da Fenix II.

Os olhos do mundo estavam voltados para o Chile, e acompanharam aquela história, por meio de centenas de jornalistas e fotógrafos que detalhavam em tempo real os fatos da história sem perder nenhum instante.

A teoria e a Prática no caso “Mineiros”

A utilização da técnica fotográfica em fotos jornalísticas garante melhor qualidade na composição estética do material. Porém, existem situações em que é impossível pensar em todos os detalhes, e por isso, o registro fotográfico de modo instantâneo é comum no meio jornalístico.



De forma técnica a capacidade para selecionar e dispor os elementos de uma fotografia depende em grande parte do ponto de vista do fotógrafo. Na verdade, o lugar onde ele decide se colocar para captar uma imagem constitui uma de suas decisões mais críticas. Muitas vezes, uma alteração, no ângulo ou posicionamento da câmera pode afetar de forma drástica o equilíbrio e a estrutura da fotografia.

Devido ao grande número de jornalistas e as condições precárias no Chile onde ocorreu o soterramento dos mineiros, as fotografias precisaram ser realizadas, em áreas menos favorecidas para uma composição estética de boa qualidade. Com o repasse de informações rápidas, que exigiam de forma imediata uma imagem representativa à notícia, não era possível a realização de um planejamento do local e angulação adequada. Apesar da necessidade da cobertura jornalística, o fotógrafo não poderia interferir no trabalho de resgate que se formou junto à mina. Confirmamos isso quando Bresson (1952) afirma que a composição deve ser uma de nossas preocupações constantes, até nos encontrarmos prestes a tirar uma fotografia; e então, devemos ceder lugar à sensibilidade.

No entanto, para a maior parte dos registros fotográficos realizados nesta cobertura a composição não foi utilizada, pois na ânsia de registrar cada instante, sem perder nada os fotógrafos clicavam rapidamente sem muito planejamento, o que não impedia o pensamento de registrar da melhor forma possível.

A composição técnica

Os planos fotográficos determinam o distanciamento da câmera em relação ao objeto fotografado. Os planos dividem-se em três grupos principais: Plano Geral, Plano Médio, Primeiro Plano. Uma mesma fotografia pode conter vários planos, sendo classificada por aquele que é responsável por suas características principais.

No Chile, os fotógrafos encontraram dificuldades quanto à realização dos planos, pois foi delimitado um espaço pequeno para a imprensa, não muito próximo do local onde os fatos estavam ocorrendo. O plano mais utilizado nas fotos do acidente com os mineiros foi o “Plano Geral”, o qual utiliza o ambiente como elemento fundamental colocando o sujeito como mero elemento na fotografia.

Dentro dos limites técnicos, temos possibilidades de controlar não só a localização do foco, como também a quantidade de elementos que estarão nítidos. Através deste planejamento, podemos escolher o foco principal do fato, ressaltando determinados objetos e indivíduos em detrimento dos outros constantes da fotografia.



Esta técnica foi utilizada para demonstrar algumas situações que ocorreram na mina San José, durante o tempo em que os mineiros estavam soterrados.



Na fotografia da agência AP, a qual mostrava o presidente do Chile, Sebastián Piñera, erguendo o bilhete escrito pelos mineiros, chegou à superfície estabelecendo o primeiro contato. O momento único exigia que os fotógrafos estivessem apostos, preparados para registrar a importante figura, responsável por disponibilizar tal informação à imprensa. O bilhete afirmou que todos estavam vivos, dando início às operações de resgate.



Nesta fotografia retirada do site G1, percebemos a captação instantânea realizada pelo fotógrafo que conseguiu por meio de uma imagem transmitir toda a emoção do momento único de uma operação bem sucedida durante o resgate dos mineiros.



A fotografia do Portal IG, elucida a utilização da técnica na aplicação do Plano Geral, como um importante recurso de captação do fato em seu âmbito geral. Mostra o empenho dos operários durante o resgate e a chegada de um mineiro à superfície.

Considerações Finais

A imagem permanece como um importante atributo do jornalismo, suas teorias de realismo continuam sendo aplicáveis como explicação à credibilidade depositada por milhares de espectadores às imagens fotográficas. Ou seja, independente do uso da técnica ou instantaneidade no ato fotográfico, o valor deste produto continua sendo o fato da mesma transmitir veracidade, simbolizando o recorte da realidade.

Percebemos o estudo da teoria como um importante aliado na realização da prática fotográfica, que aborda a técnica e a instantaneidade como opções adequadas a na realização da cobertura jornalística.

De fato a instantaneidade não implicou na cobertura jornalística e, sim, se fez um importante elemento. Por meio desta captação puderam ser registrados momentos



únicos, que retrataram o fato com veracidade. A falta de “planejamento” na composição fotográfica se mostrou eficiente no registro dos acontecimentos que exigiram agilidade e percepção por parte dos fotógrafos.

Referências bibliográficas

BRESSON, Henri. **Fotografia e Jornalismo** vários autores. São Paulo: 1971.

DÚBIOS, Phillippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Artigo. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

HANTZSCHEL, Ricardo. **Ilusão e Credibilidade na imagem fotográfica**. Dissertação. (Pós-Graduação Latu-sensu em fotografia e mídia) Centro de Comunicações Artes do SENAC. São Paulo, 1999-2000.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens Líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2011.

SÁ, Fabiana Ricoy. Scortegagna, Paulo Ernesto. **História, Gênero e Linguagem do Fotorjornalismo**. Ijuí: Unijuí, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotorjornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.